



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17780 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT16 - Educação e Comunicação

AS CULTURAS DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE ETNOMÉTODOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Tainah dos Santos Carvalho - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Simone de Lucena Ferreira - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes/Fapitec-SE

AS CULTURAS DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE ETNOMÉTODOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

1 INTRODUÇÃO

À medida que ocupamos o ciberespaço imbricando a vida cotidiana off-line com os ambientes virtuais, criam-se diferentes experiências e maneiras de interagir com as tecnologias digitais (TD). Entram em cena os etnométodos, ou as formas que utilizamos para produzir e reconhecer as práticas cotidianas no mundo a nossa volta (Coulon, 1995). Esta pesquisa é um recorte de uma dissertação de mestrado que investigou a construção e mobilização de saberes experienciais nas/com as culturas digitais por estudantes de licenciatura. Neste trabalho, objetivamos discutir a construção de etnométodos por estudantes de Pedagogia a partir de sua imersão nas culturas digitais durante o processo formativo.

Este estudo é de natureza qualitativa, pautado no campo epistemológico da multirreferencialidade, que propõe uma leitura plural dos objetos, sejam eles teóricos ou práticos, estando amparados sob diferentes pontos de vista e perspectivas (Ardoino, 1998). O tipo de pesquisa é a etnopesquisa crítica, centrada em compreender o processo experiencial direcionando o interesse para as ordens socioculturais constituídas por atores/atrizes sociais implicados em aprendizagens valoradas (Macedo 2010, 2021).

O campo de pesquisa foi a Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, localizada em Itabaiana-SE. Os atores/atrizes sociais são nove

estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia, de variados semestres, na faixa etária entre 19-35 anos, identificados a partir de codinomes escolhidos por eles(as) para preservar as identidades. O critério de escolha foi a inscrição em um minicurso intitulado “Rodas de com-versa^[1]”: culturas digitais no curso de Pedagogia”, composto por cinco rodas de com-versa realizadas entre novembro e dezembro de 2022, sendo uma presencial e quatro on-line, momentos em que produzimos os dados.

Os achados da pesquisa foram analisados a partir das operações cognitivas, que são etapas essenciais para a sistematização do processo de análise e permitem (re)visitar e (re)construir as significações atribuídas aos fenômenos. As operações são as seguintes: delimitação do corpus empírico e distinção do fenômeno; exame atento e minucioso dos elementos; codificação das unidades significativas; reagrupamento em noções subsunçoras, sistematização textual e meta-análise ou nova interpretação dos achados (Macedo, 2010).

Em relação à estrutura, após esta introdução, na segunda seção do texto, conceituamos e refletimos sobre a importância das culturas digitais para a sociedade, demarcando a opção no plural a partir das teorias adotadas. Em seguida, na subseção, apresentamos e discutimos os achados da pesquisa, articulando reflexões teóricas e empíricas. Por fim, apresentamos as considerações finais do estudo seguida das referências.

2 CULTURAS DIGITAIS NO PLURAL: REFLEXÕES INICIAIS

Historicamente, é possível perceber que a cultura era/é considerada, muitas vezes, como algo que o ser humano adquire, aprende ou absorve do ambiente em que está inserido. No entanto, conceber a cultura como algo estável ou imutável, transmitido de geração para geração, é negar que são os seres humanos que a produzem, a inventam e determinam o que permanece e o que é modificado ou esquecido, bem como, a partir da subjetividade, dão sentido às práticas culturais, produzindo assim, culturas múltiplas (Certeau, 2010). Por isso, entendemos que pluralizar o termo “culturas” é fundamental, sobretudo quando falamos do digital.

Ao reconhecer a pluralidade cultural, Canclini (2011) argumenta que a partir da criatividade individual e coletiva surge a hibridação entre as culturas, processos socioculturais em que as estruturas e as práticas, que existem de forma separada, unem-se para gerar novas manifestações culturais, movimento que acontece na vida cotidiana, cultural, social e digital. Dowbor (2009) esclarece que antes as culturas tinham mais dificuldade de se movimentar e de se recombinar, porém, atualmente, a internet facilita isso, uma vez que se caracteriza como um ambiente propício para uma fusão de culturas e para a diversidade cultural, culminando na ideia de que as culturas estão sempre em movimento.

Quando saímos da condição de meros consumidores para a posição de produtores, é possível perceber a formação de outras culturas que se manifestam a partir da pluralidade de artefatos, de linguagens, de mídias e de inter-relações com as TD (Pretto, 2017). Por isso, ao considerar os múltiplos espaçostempos e a sinergia entre o mundo presencial e o digital, consideramos que as culturas digitais compreendem as relações que acontecem tanto no ciberespaço, quando estamos conectados à rede, quanto no off-line, quando estamos desplugados (Lucena; Oliveira, 2014; Santos; Silva; Carvalho, 2022).

Portanto, adotar o termo "culturas digitais" de forma pluralizada é reconhecer não só as relações coletivas e a construção de crenças, de hábitos, de valores e de práticas sociais, mas também valorizar as singularidades e as heterogeneidades de cada ator/atriz social, que reflete na (re)construção de etnométodos a partir da interação com as TD, sobretudo no contexto da formação inicial.

2.1 Etnométodos com as tecnologias digitais no processo formativo

Os etnométodos compreendem os inúmeros detalhes da nossa vida cotidiana. São os métodos ou procedimentos utilizados para concretizar diferentes ações e para interagir com os outros, desde uma simples atividade da vida pessoal, até discussões mais elaboradas sobre diversos assuntos e opiniões. Sendo assim, eles podem variar de um grupo ou universo social para outro, de uma cultura para outra, de uma geração para outra. O fato é que a aprendizagem humana é constituída desses etnométodos (Coulon, 2017).

Ao estar imersos nas culturas digitais, também são produzidas maneiras particulares e/ou coletivas de compreender e se apropriar das TD, pois a experiência vivenciada é parte constituinte dos saberes que construímos. Santos e Lucena (2019) concordam que é preciso se apropriar das culturas digitais, para assim promover redes de conhecimento de modo ativo e reflexivo, o que pode colaborar para a formação de estudantes protagonistas do seu próprio processo formacional. Nesse sentido, a estudante Estrela (2022)^[2] compreende que

A gente vê que não é só as tecnologias que vão fazer aquela inovação na educação que todo mundo pensa e tal, porque é preciso também formar os professores e professoras que estão ali atuando em sala de aula. A gente sabe que quem tá na universidade depois do surgimento dessas tecnologias tem mais ideias do que possa fazer do que só apenas reproduzir o que tinha antes com essas tecnologias.

Para a estudante, ao promover o contato com as TD, a universidade contribui para que não seja reproduzido o que já estava sendo feito antes, mas valoriza a compreensão das potencialidades dos recursos e das interfaces digitais. Sendo assim, percebe-se que na formação inicial é imprescindível que os

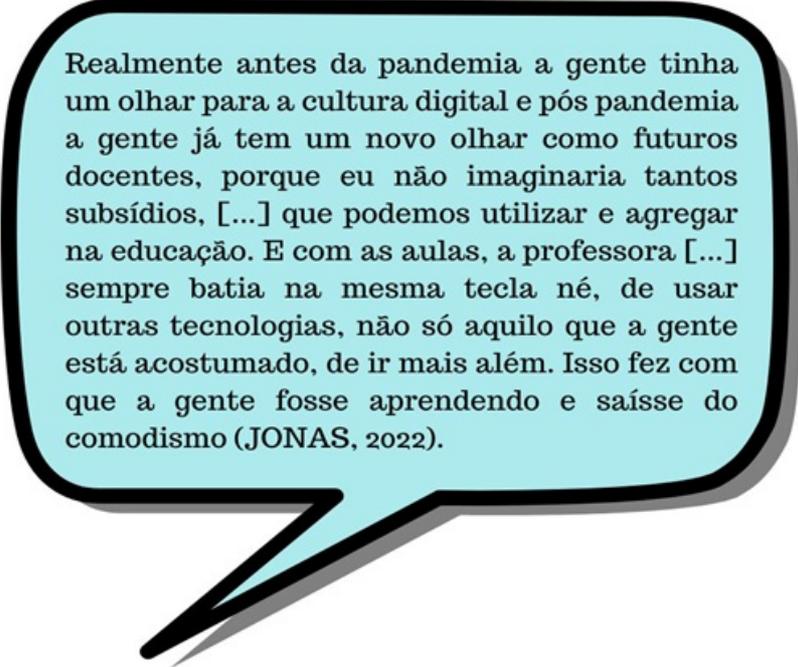
estudantes tenham contato com situações de aprendizagem que estimulem a transformação das metodologias.

Durante as rodas de com-versa e pelo contato com os(as) estudantes, foi possível notar que durante os processos formativos eles estiveram envolvidos em atividades que promoveram experiências essenciais não só para o seu desempenho durante a pandemia, mas após o retorno às aulas presenciais. Embora o período pandêmico tenha sido complexo e delicado, as experiências vivenciadas desde o início do curso contribuíram para a construção dos etnométodos, como no caso de Sarah (2022), por exemplo:

O que eu tinha conhecido foi o Padlet, eu conheci ele com [...] e não sabia mexer [...] tipo hoje em dia eu acho assim o máximo mexer lá, eu já sei mexer em muita coisa então é algo que eu quero levar né futuramente para a minha prática em sala de aula e para a pesquisa da pós graduação, provavelmente, porque também é uma coisa que eu acho que é legal e que eu não conhecia, então para mim foi uma experiência maravilhosa e que eu quero levar para frente.

Sobre isso, Josso (2004) destaca que uma experiência formadora precisa articular o saberfazer com os conhecimentos construídos, além das técnicas, valores e significação dentro de um espaçotempo que oportunize a pluralidade de ideias e de metodologias. Ao discutir sobre a construção dos etnométodos durante o curso, foram provocadas muitas reflexões sobre a própria formação docente no período pandêmico, pois em um espaçotempo diferente, os alunos(as) precisaram se (re)construir e (re)criar seus etnométodos, como relata Jonas na figura 1.

Figura 1 — Fala do estudante Jonas sobre aprendizados durante a pandemia



Realmente antes da pandemia a gente tinha um olhar para a cultura digital e pós pandemia a gente já tem um novo olhar como futuros docentes, porque eu não imaginaria tantos subsídios, [...] que podemos utilizar e agregar na educação. E com as aulas, a professora [...] sempre batia na mesma tecla né, de usar outras tecnologias, não só aquilo que a gente está acostumado, de ir mais além. Isso fez com que a gente fosse aprendendo e saísse do comodismo (JONAS, 2022).

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Ao visualizar uma nova ótica em relação às culturas digitais, é possível que os(as) estudantes busquem formas outras de lidar com os recursos digitais disponíveis e, até mesmo, sair do “comodismo”, como enfatizou Jonas, de só ter contato com aquilo que já é conhecido. Essas novas formas podem culminar na construção de diferentes saberes e estratégias para a construção da identidade profissional dos futuros(as) pedagogos(as).

É fato que antes mesmo da pandemia os cursos de graduação presenciais estavam sendo desafiados pela dinâmica fluída das redes que permitem a criação de comunidades que se engajam para atender demandas variadas do processo de ensinoaprendizagem. Ao estarem inseridos nas culturas digitais, os modos de aprender, de interagir e produzir são modificados (Linhares; Chagas, 2015). A partir da dinâmica estabelecida durante o ensino não-presencial, até mesmo a maneira de estudar e apresentar os seminários, por exemplo, foi modificada. A estudante Estrela relatou sua felicidade e satisfação ao conseguir criar um site, como fica evidente na sua fala:

Tinha disciplinas que a gente fez até um site! Eu fiquei me achando porque eu fiz um site para apresentação, eu não usei mais o slide para apresentar um trabalho, eu fiz no site, e aí nesse site a gente apresentou um trabalho e a gente ficou depois tipo até impressionados com a gente mesmo tipo “meus Deus! Como a gente fez isso?”, a gente conseguiu fazer e tal, é bem legal (Estrela, 2022).

Quando os(as) estudantes são expostos às diferentes atividades que exigem criatividade e autoria, é possível que eles se apropriem dos recursos digitais e repitam em outros momentos, como no caso de Sarah (2022) “eu aprendi a fazer os podcasts na pandemia, é tanto que após a pandemia eu já fiz uns dois ou três, do tanto que eu que fiquei no costume de fazer, eu gostei e continuo fazendo”. Ao descobrir diferentes formas de lidar com as TD, os(as) licenciados(as) constroem seus etnométodos, produzem culturas digitais e se autorizam em uma dinâmica de ser produtores e interventores na realidade vivida, saindo do papel de ouvintes e da dinâmica de ensinoaprendizagem centralizada no docente, o que também pode se refletir na própria prática docente futura.

Nóvoa (2004) nos confirma isso quando argumenta que o processo formativo incluem dimensões individuais e coletivas. Assim, os(as) estudantes em formação também formam a si próprios(as) quando refletem sobre os seus percursos pessoais e profissionais, realizando a autoformação. Ao desenvolver a consciência crítica dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes e das tecnologias, exercitam também a ecoformação, habilidade essencial para o(a) futuro(a) pedagogo(a). A capacidade de formar-se na relação com os outros, em uma

aprendizagem conjunta e colaborativa, uma vez que a percepção construída sobre o mundo e sobre nós mesmos se dá na relação com o outro, caracterizando a heteroformação.

A característica da colaboração presente nos ambientes em que todos podem acessar e modificar de forma simultânea esteve muito presente durante a pandemia e após o retorno à sala de aula presencial é algo que ainda permanece, como nos relata Rhenan (2022) “eu só faço por ele [google docs.], e como a gente costuma fazer em grupo, a gente coloca todo material no google docs. e cada um vai editando a sua parte, é muito mais fácil, muito mais tranquilo, evita muito trabalho”.

Além da colaboração proporcionada e potencializada pelas conexões em rede, o contato com os colegas também era essencial para sanar alguma dificuldade nas atividades ou com algum recurso/aplicativo. Muitos(as) estudantes preferiam recorrer aos colegas de turma do que os(as) professores(as), desenvolvendo uma rede de apoio para sanar dúvidas e criar tutoriais. Laysa (2022), por exemplo, relatou que sentiu dificuldade ao ter que gravar uma apresentação de seminário pelo computador, a partir disso percebeu que é possível ter dificuldade em uma coisa e facilidade em outra, ressaltando a importância de “se ajudar”.

As experiências com as TD e os etnométodos construídos proporcionaram momentos (auto)reflexivos para os(as) estudantes. Na visão de Santos (2019), apoiada em Josso (2004), é importante que os(as) licenciandos(as) tomem consciência sobre a própria formação e gestem dispositivos que promovam a reflexão sobre a experiência e na experiência, compreendendo o próprio processo formativo que envolve a construção de saberes. A estudante Daniele (2022) reconhece que atualmente não faz sentido ir para a sala de aula e não utilizar as tecnologias a favor do ensinoaprendizagem, principalmente depois de ter passado por uma pandemia, pois, nas palavras dela, hoje nós somos as próprias “culturas digitais”.

Diante das afirmações dos(as) estudantes e da discussão evidenciada nesta pesquisa, é importante ressaltar que as instituições de ensino superior, especialmente os cursos de licenciatura, não podem mais continuar negligenciando a potencialidade das TD para atuação dos futuros profissionais, como também para a construção do seu próprio conhecimento. Ao enfatizar que a formação, por definição, é experiencial ou então não é formação, Josso (2004) antecipa o pensamento expresso pela estudante Josy (2022):

[...] as experiências que a gente vai levar realmente para a nossa atuação profissional e que, Deus nos livre, não aconteça o que aconteceu na pandemia, mas como futuros docentes, se realmente

vir a acontecer, a gente já vai ter uma noção, uma experiência do que fazer, de como usar, qual caminho percorrer.

Embora a construção do caminho e da experiência dos(as) estudantes de Pedagogia da UFS tenham como pano de fundo uma tragédia social e biológica, é fato que não era necessário passar por uma situação tão drástica para desenvolver esses etnométodos. Como muitos pesquisadores(as) já vem discutindo, os currículos dos cursos de formação inicial precisam realmente contemplar a realidade vivenciada com as tecnologias, não somente em disciplinas específicas de maneira aligeirada, mas de forma transversal.

Assim, compreendemos que a construção dos etnométodos no contexto das culturas digitais ocorreu no curso de Pedagogia pesquisado desde antes da pandemia, sendo potencializado pela vivência do ensino não-presencial e à exposição aos diversos recursos e interfaces digitais. Como reafirmado pelas falas dos(as) estudantes, os etnométodos construídos com as TD fazem parte da identidade profissional e são essenciais para a atuação dos(as) futuros(as) pedagogos(as), uma vez que estar imerso nas culturas digitais contribuiu para a construção de saberes experienciais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo discutir a construção de etnométodos por estudantes de Pedagogia a partir de sua imersão nas culturas digitais durante o processo formativo. As culturas digitais, ao permearem a formação de professores, possibilitam diferentes formas de interatividade e produção de saberes, o que se torna fundamental para a prática docente na atualidade. Por meio das experiências compartilhadas pelos estudantes, compreendemos que a imersão com as TD, sobretudo durante a pandemia, contribuiu significativamente para a construção de etnométodos e práticas docentes autorais e colaborativas.

Portanto, é importante que os cursos de licenciatura reconheçam e integrem as culturas digitais de maneira transversal em seus currículos, garantindo que futuros professores, assim como os estudantes, possam estar imersos em práticas do mundo digital e explorar as potencialidades dos recursos e dispositivos tecnológicos. Assim, entendemos que os etnométodos construídos no curso de Pedagogia, nesse contexto, contribuíram para a construção da identidade profissional dos estudantes, a partir de experiências e das transformações sociotécnicas em curso.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, J. Nota a propósito das relações entre a abordagem multirreferencial e

- a análise institucional (história ou histórias). In: BARBOSA, J. G. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p. 42-49.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 2010.
- COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Y8zKhQs4W7NYgbCtzYRP4Tb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- DOWBOR, L. Qual é o impacto do digital nos processos culturais? In: SAVAZONI, R.; COHN, S. (org.). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- LINHARES, R. N.; CHAGAS, A. M. Conectivismo e aprendizagem colaborativa em rede: o Facebook no ensino superior. **Revista Lusófona de Educação**, Campo Grande, v. 29, n. 29, p. 71-87, 2015. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5095>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- LUCENA, S.; OLIVEIRA, J. M. A. Culturas digitais na educação do Século XXI. **Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 7, p. 35-44, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3449>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- MACEDO, R. S. A teoria etnoconstitutiva de currículo e a pesquisa curricular: configurações epistemológicas, metodológicas e heurístico-formativas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n.1, p. 190–212, jan./mar., 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/30198/25068>. Acesso em: 05 maio 2024.
- MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2. ed. Brasília, DF: Liber livro Editora, 2010.
- MACEDO, R. S. **Pesquisa-formação, formação-pesquisa: criação de saberes e heurística formacional**. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p. 11-34.
- SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.
- SANTOS, S. V. C. de A.; LUCENA, S. Tecnologias digitais na educação: tecendo novas experiências formativas com professores da educação básica. **Série- Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande, v. 24, n. 51, p. 121–141, 2019. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1293>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SANTOS, S. V. C. de A.; SILVA, C. G. S. da; CARVALHO, T. dos S. Digital Cultures: dialogues and reflections for teacher education . **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 15, n. 34, p. 1-10, jul. 2022. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/17744/12879>. Acesso em: 13 jul. 2022.

[1] *Com-versação* implica no acesso direto às diversas versões pelas narrativas conversadas. Assim, em uma roda de com-versa assume-se uma postura criativa, (in)tensa, autocrítica, intercristica e intercompreensiva para mobilizar as vozes e experiências (Macedo, 2018).

[2] Embora a dissertação tenha sido defendida em 2023, os dados foram produzidos em 2022, por este motivo situamos as falas dos/as atores/atrizes sociais neste período.